

INTRODUÇÃO

Quanto mais o mundo se moderniza e novas políticas de educação são criadas para acompanhar essa modernização, mas cresce os problemas na educação escolar brasileira. Problemas esses, como má qualidade no ensino, pouca participação da família, professores insatisfeitos com seus salários e a violência que tem se espalhado pelos corredores, salas de aula e por toda a comunidade escolar.

A violência deixa professores surpresos e fragilizados. Neste sentido, têm-se os seguintes questionamentos: Como o professor se sente responsável pela violência dentro da escola? Quais as estratégias de enfrentamentos contra a violência estão sendo trabalhadas pelos professores do ensino básico?

Falar de violência física e moral contra professores é um assunto complicado e ao mesmo tempo preocupante. Complicado porque se trata de um assunto que se encontra presente no cotidiano das grandes metrópoles brasileiras, relacionados ao estress familiar, ao trabalho, as condições sociais e econômicas das famílias, mídia, tecnologias como a internet através de sites que promovem a violência, professores insatisfeitos e a própria escola com uma administração nos moldes empresariais, troca os valores morais e éticos por resultados quantitativos como o combate ao analfabetismo através de índices de aprovação para melhor justificar os investimentos financeiros que teoricamente, estão sendo empregados no desenvolvimento educacional.

Tantas são as causas e consequências que se torna difícil apontar responsabilidades. Neste contexto, optou-se por investigar a violência contra professores do ensino básico, suas causas e consequências. A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica. Este trabalho é de suma importância para os envolvidos com a questão. Apesar de um assunto altamente polêmico, é possível analisar estratégias para o enfrentamento da violência contra professores tendo como foco a criação de novas políticas educacionais envolvendo a escola, família e a sociedade propondo parcerias entre essas instituições, onde o foco seja a escola e a família como ponto de partida.

1 O PERFIL DO JOVEM VIOLENTO NA SOCIEDADE E NA ESCOLA

A violência vem atingindo a sociedade de modo geral e se tornado cada vez mais evidente, usual e corriqueira na medida em que o mundo se globaliza, o mercado de trabalho se torna mais restrito, competitivo e a ausência de participação da família contribui para o

jovem tenha uma vida sem responsabilidades, sem e conceitos de ética e moral. Os comportamentos errados emergem conseqüentemente dentro da escola e são vistos através de agressões contra colegas e contra professores.

De acordo com Silva (apud CARDIA, 2010, p. 254).

[...] apesar de as violências dos direitos humanos constantes no Brasil estarem amplamente divulgadas, não têm conseguido tornar-se um tema de debate social mais amplo, com maior clamor público. Os protestos e as manifestações têm sido muito localizados e pontuais, a exemplo dos assassinatos mais recentes de jovens de classe média em bares e restaurantes de São Paulo, o que mobilizou parte da população desta cidade no movimento 'Reage São Paulo'.

Neste contexto, tem-se Guerreiro e Yunes citados por Dimenstein (1996) que tratam a violência como um problema mundial, afetando grandes metrópoles, inclusive as do Primeiro Mundo e segundo estes autores a sociedade tem apenas usado a repressão física, e não funciona, pois o germe da violência tende a se propagar como uma doença infecciosa e o mais grave é que não podem ser combatida com vacinas para a obtenção de resultados mais rápidos e eficazes.

Tem-se falado sobre uma transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade. É o atentado direto, físico contra a pessoa cuja vida, saúde e integridade física ou liberdade individual correm perigo a partir da ação de outros. O professor tem vivido esta situação quase diariamente. O sentido de ensinar já se perdeu e, em seu lugar, uma política educacional que pouco a pouco tem tirado o sentido do professor sua condição de educador.

Porém, persiste a afirmação de que os conceitos de educar e os atos violentos são extremamente difíceis de serem resolvidos, evidencia-se causas como desemprego, situação econômica, escolaridade, religião, desestrutura familiar, fatores que geram agressões a outros, podendo ser de ordem verbal, emocional, física ou outros atos impostos que na maioria das vezes são extremamente destrutivos.

Segundo Minayo e Souza (1997, p. 214).

O conceito de violência é bastante amplo e, por vezes, controverso, porém sua forma de representação é sempre comportamental. Em termos sociais, os eventos violentos costumam ser compreendidos em uma perspectiva individual ou isolados e não simplesmente como um problema de todos.

Para Silva (2010), a violência tem despertado o interesse dos meios de comunicação devido à estatística bastante alarmante. Nos últimos quinze anos no Brasil, tem-se a

triplicação dos homicídios e matam-se 50% mais jovens em São Paulo do que em Nova Iorque e esta estatística aponta para os jovens do sexo masculino que em cada 100 mil adolescentes paulistanos, 88 foram assassinados no ano passado.

Estatisticamente, os jovens despontam como o grupo social mais afetado pela violência em nível mundial. A violência está presente em alto índice entre as sociedades estruturalmente violentas, devido à precariedade no campo social e econômico, e países com melhores índices de qualidade de vida, as taxas de mortalidade por causas externas de jovens do sexo masculino podem ser também serem consideradas um importante indicador (CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2007).

Para Soares (apud CÂMARA, 2007), os jovens de 15 a 24 anos, de sexo masculino, pobres e negros, constituem as maiores vítimas de violência. O perfil destes jovens está relacionado a um cenário social subjacente, alerta o autor para a relação entre violência e qualidade de vida no Brasil, no entanto, não se pode afirmar que este fenômeno está restrito a um grupo específico de pobres, mas como uma dinâmica social diferenciada como comprovam as estatísticas.

A escola tem sido palco da violência entre jovens e vem crescendo de forma assustadora. Atualmente, consta na pauta das reuniões de algumas escolas, estudos mais específicos sobre o assunto, o motivo é o impacto sobre a vida e a integridade física das pessoas como alunos, professores, gestores e demais profissionais e todos estão desconfiados. A violência, portanto, é um produto de modelos de desenvolvimento educacional e social que tem suas raízes na história e na estrutura social econômico brasileira.

Um produto do modelo educacional tem o nome de bullying. Os jornais brasileiros vêm estampando de forma contínua e persistente esta forma de agressão. Para Hamze (2011), o termo bullying abrange variadas maneiras de agressões intencionais e repetitivas sem motivo aparente contra determinados estudantes. Este tipo de violência causa grave traumas e promove a humilhação de forma persistente. O termo *bullying e bully* significa brigão, valentão, “bem atual na forma como a família vem se estruturando e exigindo de seus filhos” (grifo da autora).

Quando a escola não reage contra o *bullying*, seu espaço educacional acaba sendo comprometido. Crianças e jovens são submetidos a este tipo de agressão, desenvolvem sentimentos de ansiedade e medo, podendo futuramente apresentar sentimentos negativos com baixa auto-estima e sérios problemas de relacionamento, o que pode provocar um comportamento hostil levando a agressão não só com os colegas como também contra professores, uma vez que sendo contrariados, os traumas costumam explodir de forma

involuntária. Apesar de ser tema atual na mídia, a escola e os professores estão começando a tratar do assunto com mais seriedade.

De acordo com Santomauro (2010, p. 68).

Todo mundo que convive com crianças e jovens sabe como eles são capazes de praticar pequenas e grandes perversões. Debocham uns dos outros, criam os apelidos mais estranhos, reparam nas mínimas imperfeições – e não perdoam nada. Na escola, isso é bastante comum. Implicância, discriminação e agressões verbais e físicas são muito mais frequentes do que o desejado. Esse comportamento não é novo, mas a maneira como alguns pesquisadores, médicos e professores o encaram vem mudando. Há cerca de 20 anos, essas provocações passaram a ser vistas como forma de violência e ganharam o nome: bullying (palavra do inglês que pode ser traduzida como intimidar ou amedrontar).

Esses e outros fatores podem levar uma criança ou um adolescente a um ato delitivo contra um colega, adulto e em especial, contra um professor, a desigualdade social é um indicativo de agressão física e verbal contra professores como também a ausência da família dentro da escola.

A carência de condições básicas de sobrevivência embrutece os indivíduos e gera personalidades destrutivas e por serem pobres se sentem maltratados, vistos como diferentes e inferiores. Por essa razão, as percepções que têm sobre os jovens endinheirados são muito violentas e repletas de ódio levando-o a castigar a sociedade que pensa não permitir que tenham oportunidades. (ABRAMOVAY, 1999).

A ausência dos valores como solidariedade, respeito e tolerância nos relacionamentos e na convivência social dos jovens, quer seja na família, na escola ou em outro contexto que acabam dando lugar ao individualismo e a necessidade de se levar vantagem em tudo, e daí a brutalidade e a intolerância que podem responder pela violência física e moral cometida contra professores.

1.1 A DESESTRUTURAÇÃO DA DINÂMICA FAMILIAR E SUA INFLUÊNCIA NA ESCOLA E NOS PROFESSORES

A violência familiar contra crianças e adolescentes é uma das formas mais comuns no âmbito das relações sociais e promotora de agressões futuras. Este tipo de fenômeno acaba produzindo uma reação bem mais assustadora que é a negação dos direitos das pessoas à vida.

Geralmente, a negação do direito a vida não é só o assassinato, acontece quando os pais e mães se revestem de um suposto poder, mantido e reforçado pelas normas culturais,

submetendo a criança e/ou o adolescente aos atos de violência física, sexual, psicológica, ou mesmo negligenciando os cuidados para com os filhos. A falta de estrutura familiar gera carência afetiva e pode conduzir a um comprometimento integral da personalidade do adolescente.

Este comprometimento pode levar a ansiedade e ao desequilíbrio emocional, o qual pode desencadear diversas reações e alterações de comportamentos, tendo como consequência danos irreparáveis ou de difícil remissão.

A desestruturação e o abandono da família Siqueira (apud COSTA 2011, p.1), diz que é a fonte de todas as carências (materiais e emocionais). É na família que se constrói os aspectos cognitivos, morfológicos, fisiológicos, afetivos e emocionais do futuro adolescente. É na convivência familiar sadia é indispensável o termômetro modular o temperamento e instrumentalizar o caráter. Uma sólida estrutura familiar é o grande segredo de uma estrutura social equilibrada. A família é a base para o desenvolvimento da criança e do jovem. Caso contrário, pode-se inferir que uma família desestruturada pode levar filhos a marginalização.

Neste contexto, Costa (2011, p.2) afirma:

Ao lado das profundas transformações sofridas pela família, não constitui também novidade para ninguém que a marginalização e a desagregação social registraram um grande salto quantitativo, nas últimas décadas, atingindo não somente os incapacitados e outros grupos minoritários, mas, sobretudo, as mulheres que sozinhas têm de sustentar sua prole, as crianças e os adolescentes. A ameaça de exclusão, com a globalização da miséria e o aumento assustador dos índices de desemprego, pesa agora sobre todos os setores, inclusive, as famílias de classe média ou aqueles que antes consideravam assegurada a sua inserção na vida social, como os profissionais liberais ou autônomos, funcionários públicos, pequenos comerciantes, enfim todos que vivem em uma situação de maior precariedade.

Hoje, a vida agitada dos pais, pouco tempo com os filhos e os encargos de educar transmitidos a outros e a escola tornam-se fatores que complicam educação dos jovens. A total liberdade que a família oferece aos filhos, acaba por levá-los a perdas de referências e dificultando o amadurecimento psicológico.

De acordo com La Taille (2011, p. 1).

O medo de ser autoritário é um sentimento importante. Mas o que é autoritarismo? É impor regras injustas, arbitrarias. É impor regras — mesmo que boas — negando à pessoa que deve obedecê-las a possibilidade de compreender sua origem e sentido. Exercer autoridade é outra coisa. Para tanto, as regras colocadas devem ser justas e devem também ser explicadas. Um bom exemplo de relação com autoridade é a relação que temos com um médico: seguimos suas prescrições porque o consideramos como representante de um conhecimento legítimo, inteligível (por mais difícil que seja) e que pode nos fazer algum bem. A relação de autoridade, seja

na família, seja na sala de aula, deve seguir essa mesma lógica: os pais ou os professores devem ser reconhecidos como pessoas que detêm conhecimentos legítimos e necessários ao pleno desenvolvimento das novas gerações. Assim sendo, é claro que a moral (o respeito pelo outro) e projetos éticos de crescimento pessoal e social correspondem a valores preciosos para a vida. A criança começará a pensar neles referenciada em figuras de autoridade e, quando conquistar a autonomia, vai se libertar da referência à autoridade certamente com gratidão.

A questão pode ser retomada por meio dos conceitos de moral e ética. A moral trata de limites no sentido restritivo de deveres. A ética, por remeter a projetos de vida, trata dos limites no sentido da superação, do crescimento, da busca de excelência. Ora, se há excesso de limites, em breve, se a sociedade, em vez de estimular o crescimento, valorizar a busca de uma vida que não vá além do mero consumo e que se contente com o aqui-agora, com a mediocridade, ela vai prejudicar a perspectiva ética e, conseqüentemente, a perspectiva moral. Uma pessoa somente agirá moralmente se vir, nesse tipo de ação, a tradução de uma vida que vale a pena ser vivida (LA TAILLE, 2011, p. 2).

Como a moral impõe restrições à liberdade, uma pessoa somente vai aceitar tais restrições se fizerem sentido num projeto de vida coletivo e elevado. Faltando conceitos de moral e ética, a família deixa de ser o núcleo de formação de caráter e de expansão da vida afetiva e neste contexto, deixa de ser referência de vida.

Uma forma clara desta afirmação é a necessidade da mulher de trabalho. Atualmente, tanto o homem como a mulher precisam trabalhar fora na busca de melhoria de condições de vida; o desencontro dos horários de trabalho também vem isolando o contato do filho com os pais gerando a falta de diálogo. Essa ausência de uma boa conversa entre pais e filhos acaba causando distanciamento; os conflitos conjugais com separações e divórcios vem provocando traumas, introspecção e isolamento dos filhos dentro do lar e podem estar contribuindo para o aumento da violência dentro da escola.

As problemáticas repercutem nos professores. A Revista Veja citada por Silvia (2010) destaca a ausência de disciplina como uma das principais preocupações para a indisciplina na escola, aliada a falta de educação familiar e religiosa. Quem não aprendeu regras básicas de convivência social, acha que tudo é permitido. Portanto, alunos indisciplinados e mal educados acabam por atormentar professores e, estes por não controlarem a confusão na sala de aula acabam perdendo o respeito dos alunos.

De acordo com Silvia (2010, p. 263).

Isto se evidencia ao indagarmos sobre a forma como a violência se manifesta na escola. As respostas são as mais diferentes: na discriminação masculina em relação a

mulher, na agressão física e moral entre alunos, no desrespeito entre professor e aluno e entre aluno, professor e direção da escola, e na falta de diálogo entre professor e aluno.

Daí, o grande número de alunos que, em maior ou menor grau, com maior ou menor planejamento, a partir de um acontecimento qualquer, desencadeia as agressões mais violentas contra professores. Especialmente, em se tratando de um adolescente, verdadeira metamorfose ambulante, cuja identidade sempre inconstante, oscila de comportamento a todo o momento.

2 A VIOLÊNCIA FÍSICA E MORAL: FUTURO INCERTO E AMEDRONTADOR DO PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO

A agressividade é natural ao ser humano. Ela foi necessária para a sobrevivência e como defesa pessoal. Este comportamento está presente na história da humanidade. Com o passar dos séculos, o ser humano precisou aprender a lidar com as hostilidades, como forma de sobrevivência, resultado do convívio em sociedade. Neste período surge a educação e nascem as escolas com perfil autoritário, elitista e segregadora.

Com o desenvolvimento tecnológico, a humanidade traça um caminho sem volta. Hoje, este caminho parece longo e cheio de espinhos e a hostilidade cresce também pela necessidade da sobrevivência. A escola, portanto, deve a ser local de aprendizagem e não de violência. No entanto, quanto às questões educativas ligadas diretamente aos resultados, à falta de compromisso e a não percepção de questões como apoio moral e sensibilidade mútua, é possível que ela acabe se tornando palco de medo e de incertezas.

O que leva Silva (2010, p. 262) a afirmar que:

Esta posição de certa forma é confirmada nas respostas dos alunos que questionados sobre se percebiam a violência no âmbito escolar e, em caso positivo, de que forma esta violência se manifesta, a resposta unânime dos alunos foi: a escola é um espaço de violência. E as razões apresentadas foram surpreendentes, uma vez que algumas atitudes, desenvolvidas entre professor e aluno e entre os alunos, não chegam a ser percebidas como violência, por exemplo: falta de diálogo entre os alunos e entre os professores e alunos, falta de companheirismo, falta de educação doméstica, mas especialmente desrespeito dos professores para com os alunos, manifestado em suas falas: ‘este aluno está ferrando comigo [isto porque o aluno era indisciplinado]. Este aluno não quer nada com a escola e por mim já está reprovado.

Estudos como os de Peralva (2000) afirmam que a ausência de investimentos na escola e na formação do docente somada à ausência de projetos educativos que tratem desta

questão é determinante para a evidente violência escolar. A desvalorização do espaço escola como também a desvalorização do professor e as metodologias das práticas pedagógicas também podem estar influenciando nas práticas de violência.

Em pesquisa recente Silva (2011) concluiu que o resultado para o corpo discente significa “violência representa agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família e também a falta de respeito entre as pessoas”. Enquanto que para o corpo docente “a violência, enquanto descumprimento das leis e da falta de condições materiais da população, associando a violência à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão”.

Na realidade, a complexidade do fenômeno demanda de uma intensa pesquisa, pois o conhecimento sobre a violência ainda é incipiente. Pesquisas demonstram que os levantamentos nacionais sobre a causa da violência na escola apresentam precariedade.

A cultura da reprovação na escola pode contribuir em muito para desmotivar e excluir o aluno. Os educadores parecem não perceber que a violência tem encontrado terreno fértil no espaço escolar. Observa-se que professores, diretores e demais profissionais da escola se acham isentos de práticas violentas. O que na realidade, ao acusarem os alunos e a família, deixam de perceber que também cometem violências às vezes imperceptíveis para eles, mas com grande significado para os alunos.

Para Silvia (2010), na visão dos professores, a direção da escolar promove a violência e, esta se manifesta no comportamento autoritário, da superioridade e do poder excessivo que o cargo impõe. E a autora explica que a cultura da privatização do espaço público, continua muito enraizada, gestores ainda se acham donos das instituições e detentores do poder e das decisões de toda a escola. O autoritarismo parece encobrir os problemas emocionais dos alunos.

Barreto (1996) destaca que alunos demonstram que o conceito de autoridade não só de gestores, mas de professores precisa passar por transformações urgentes, principalmente porque existe um processo de democratização e que esta postura, originária de pais para filhos, de professor para aluno vem sofrendo profundas transformações.

Aliada ao conceito que os alunos têm da postura autoritária de gestores e professores, a grave crise de segurança que vem assolando as grandes cidades brasileiras, tem tornado a vida dos professores um grande desafio. Para Ferrari (2006), “a escola está amedrontada, a situação piorou, ações de gangues e grupos armados e disputas entre traficantes afetam diretamente a escola”. Os acontecimentos têm levado parte da população das grandes cidades a acordar com dados de extrema perversidade as crianças e jovens e com medo de levar seus filhos para as escolas.

De forma geral, a violência tem estado presente na maioria das escolas públicas em especial. Recentemente, a sociedade tem assistido a um crescente número de tragédias onde crianças ou adolescentes armados invadem escolas e disparam contra professores, colegas e funcionários. Eventos que podem estar associados ao bullying. Essas ações representam um comportamento comum de quem apresenta uma conduta anti-social contra determinada pessoa. A grande maioria desses casos foi perpetrada por alvos de bullying que, em atitude extremada, adotam com a intenção de fazer cessar seus sofrimentos.

Segundo a agência Notisa (2011, p. 1).

O que chama a atenção é que todos eles adotaram comportamento semelhante, ou seja, invadiram suas escolas armados, atiraram a esmo, atingindo indistintamente, alunos, professores e funcionários. Alguns deles tentaram ou cometeram suicídio dentro da escola. Enfim, o comportamento foi o de ‘matar a escola’, local onde foi obrigado a estar, ser agredido, sofrer ao extremo e assistir a indiferença e omissão de todos.

A pouca importância dada à própria formação do professor tem tornado evidente o descompasso entre o ensino e o mundo fora dos muros da escola. Para Corti (apud FERRARI, 2006, p. 27), “[...] a violência é uma questão mais presente nas atuais gerações e, as escolas não estão incorporando a prática, as intervenções pedagógicas”. Trazer os temas de medo e da agressividade parece não combinar com o papel construtivo da escola e dos professores.

E Ferrari (2006) cita Abramovay que mostra este quadro com mais clareza. A família só é chamada a escola para ouvir sobre o boné de seu filho. Quando se fala sobre a violência e sobre educação, vem a constatação de que o ensino no Brasil ainda conserva os hábitos autoritários e disciplinares não com o objetivo de se trabalhar a ética escolar e, sim da autoridade escolar.

O documento da UNESCO (2002) apresentado por pesquisadores e sociólogos aponta uma causa principal para a violência nas escolas, a própria exclusão social, ou seja, nas escolas públicas, enquanto que nas escolas da elite, ou de classe média, os comportamentos de risco como o abuso das drogas são mais frequentes, o que resulta em comportamentos agressivos, a violência física e os ataques a adultos em especial, a professores são mais comuns nas classes trabalhadoras.

E Sposito (2002) destaca um estudo realizado sobre as condições de trabalho com professores da rede pública, cujo tema foi à violência e a segurança na escola aparecem algumas informações elucidativas. A pesquisa foi realizada com 52 mil professores dos sistemas públicos de ensino, em todo o país e apresentou três tipos de situações identificadas

como as mais frequentes como: depredações, furtos ou roubos que atingem o patrimônio, agressões físicas entre alunos e as agressões físicas contra professores.

O mesmo estudo mostra também que estabelecimentos de ensino com mais de 2.200 alunos são os mais suscetíveis às práticas de violência, principalmente nas capitais e/ou vandalismo e embora as instituições tenham aumentado a segurança, a violência não diminuiu e as ocorrências de roubo continuam acontecendo. Dados indicam também que quanto maior o número de educandos, maior são os obstáculos encontrados por professores e gestores no controle da violência. É mais difícil controlar um número maior de alunos como também fica difícil a participação da família (SPOSITO, 2002, p. 24).

Desta mesma perspectiva Sposito (2002, p. 104) acrescenta:

Embora os resultados sejam bastante fragmentados, é possível considerar a partir dos anos 90 como um momento de mudanças no padrão de violência nas escolas públicas, englobando não só atos de vandalismos, mas também práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil. São mais frequentes as agressões verbais e as ameaças. Esse fenômeno alcança as cidades médias e as regiões menos industrializadas do país. [...] estados em que ocorrem problemas intensos envolvendo agressões de professores ou a alunos nem sempre são os que apresentam maiores índices de violência sobre os jovens. Isso indica, ao menos, o acerto de reflexões realizadas internacionalmente e aqui no Brasil, que não associam diretamente o fenômeno da violência em meio escolar ao crescimento das situações de morte violenta que atingem jovens em algumas áreas urbanas.

Nos dias atuais, nos meios de comunicação audiovisual, são comuns os acontecimentos violentos onde os alunos são os protagonistas dentro da escola. De fato, ainda existem métodos violentos também por parte de alguns professores como castigo físico, humilhações verbais veladas, visto que não se pode mais exercer qualquer tipo de castigo aos alunos sob pena de sanções disciplinares. Parece que os papéis se invertem radicalmente, hoje quem castiga é o aluno.

A forma como o castigo acontece geralmente é a física, principalmente por pré-adolescentes e adolescentes que são agredidos fora da escola e dentro da escola como coloca La Taille (2011, p. 2).

A situação parece-me de certa forma paradoxal. De um lado, pelo menos no mundo ocidental, verificamos um avanço da democracia e do respeito aos direitos humanos. Logo, desse ponto de vista, saudosismo é perigoso. Mas, de outro lado, tem-se a impressão de que as relações interpessoais estão mais violentas, instrumentais, pautadas num individualismo primário, num hedonismo também primário, numa busca desesperada de emoções fortes, mesmo que provenham da desgraça alheia. Assim, penso que, neste clima pós-moderno, há avanços e crise. É como se as dimensões política e jurídica estivessem cada vez melhores, e a dimensão

interpessoal, cada vez pior. Agora, como não podemos viver sem respostas morais e éticas, urge nos debruçarmos sobre esses temas.

Então, que maneira os professores irão transmitir os valores morais e éticos para seus alunos como forma de prevenção contra a violência. Observa-se uma escola onde os alunos destroem os materiais escolares, paredes, carteiras, banheiros que acabaram de ser construídos. A Unesco (2002) em uma pesquisa destaca que a violência contra professores nas escolas já é algo corriqueiro. Todos têm uma história para relatar. Pesquisas realizadas por esta instituição apresentam dados de 2003 onde 2.400 profissionais de seis capitais brasileiras vitimados por agressão.

Segundo a pesquisa, mais de 50% dos professores afirmam haver casos de furtos nas escolas onde trabalham. Um em cada dez casos de gangues e de traficantes atuando nas instituições. E 30% já viram algum tipo de arma nas mãos de seus alunos. Alguns professores são ameaçados por alunos que fumam maconha dentro da sala de aula. São assaltados nos estacionamentos incapazes, até mesmo ameaçados de morte. Existem casos de alunos que vão para a sala, alcoolizados (UNESCO, 2002, P. 34).

Para tanto, tem-se agora nas escolas brasileiras, principalmente as públicas onde tem ocorrido um maior número de violências, uma onde de medo por parte dos professores em falar sobre o assunto. Medo de represarias e, então, acabam impondo a lei do silêncio e desta forma, acabam por contribuir para o fracasso escolar que não é só na qualidade do ensino como também nas relações interpessoais, interfamiliares e familiares que indiretamente também contribuem para que professores se sintam angustiados e com medo da violência.

Caso em Manaus, Matos (2011) vem destacando outra forma de violência, a agressão verbal de pais contra professores. São índices altos e bastante comuns na vida dos professores. Uma discussão dentro de uma sala de aula, entre pai de uma aluna de seis anos e uma professora, na terça-feira, deixou dezenas de crianças assustadas na escola Municipal da zona leste de Manaus.

A professora, que não quis se identificar por motivo de segurança, contou que a menina não havia entregue o trabalho escolar, que valia nota final, no prazo determinado e pediu ajuda aos pais. No dia seguinte, o pai invadiu a classe e fez ameaça de morte. 'Ele perguntou por que eu estava perseguindo a filha dele'. Tentei acalmá-lo. Foi quando ele disse. 'É por isso que teve gente que invadiu a escola no Rio de Janeiro e matou todo mundo'. Eu perguntei se aquilo era uma ameaça. Ele disse que sim e que se eu não parasse de perseguir sua filha, não responderia por ele (A POLÍCIA, 2011, p. 5).

A violência já está institucionalizada na escola, alunos agressivos uns com outros. Na sala de aula o professor está desanimado e o aluno indisciplinado, pais agressivos isto faz com que se reflita contrastes. O professor é desrespeitado e as ordens pouco acatadas. Para os alunos algumas aulas são sinônimas de torturas. A palavra mestre já está em desuso.

Outro caso recente em Manaus vem demonstrando o quando os professores se encontram aterrorizados e a escola também já não oferece segurança para esses profissionais. Um aluno obrigado a prestar serviços comunitários na instituição como medida sócio educativa, agride alunos e ameaça profissionais da escola. Pais, professores e alunos de uma escola municipal da zona leste, estão assustados com as ameaças que vêm sofrendo.

Nas três semanas em que prestou serviços para a escola, o rapaz de 17 anos chegou a agredir dois alunos dentro da escola e jogar artefatos explosivos confeccionados com fogos de artifício nas salas durante o período de aulas.

Na última quinta-feira, o adolescente foi preso, mas, segundo os alunos, afirmou que assim que conseguir liberdade irá retornar à escola para se vingar das pessoas que o denunciaram. Professores informaram que muitos estudantes já pediram transferência da escola (ADOLESCENTE ATERRORIZA ESCOLA, 2011, p. 11).

As agressões se acumulam pelos corredores, ameaças e humilhações a professores tornaram-se comuns e são notícias nos jornais nacionais e internacionais, É corriqueiro ver-se professores sendo humilhados e agredidos, muitos adoentados desistem da profissão. Então, como os governos podem estar contribuindo para uma mudança radical na escala de valores educacionais.

3 O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E RECONHECIMENTO PARA PROFESSORES

Melhores condições de trabalho para o professor pode contribuir com a diminuição dos índices estatísticos de violência de alunos adolescentes e outros tipos de violência como no caso de pais e da própria instituição escolar. A busca por uma compreensão da problemática da violência possibilita contribuir com novas chances de recomeço para a diminuição dos casos de agressões físicas e morais.

O destaque a formação acadêmica, valores sócio-culturais normas legais e institucionais são as condições que devem nortear à práxis do educador, ou seja, são situações em que se fundamentam a formação de suas concepções sobre a problemática aqui tratada.

Neste sentido, é de caráter emergencial as iniciativas por parte das administrações estaduais e municipais na redução da violência contra professores. As escolas brasileiras precisam de políticas públicas comprometidas com a família, apesar de já está escrita no Direito à vida e à incolumidade física na Declaração Universal dos Direitos Humanos como coloca Marques (1991, p. 87).

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo.

Considerando que o menosprezo e o desrespeito dos direitos do homem levaram a atos bárbaros que ultrajaram a consciência da humanidade, e que o advento de um mundo em que os homens gozam de liberdade de palavra, de crença e da liberdade que viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração humana.

O APP – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (2011) recentemente realizou encontro e uma intensa luta pela defesa e o direito à educação pública para todos e contra o privilégio que negam o direito à maioria, é defender condições adequadas de trabalho a cada professor e a cada professora, defende também, os salários dignos, piso e carreira, formação continuada e valorização profissional. Essa luta é o objetivo de todo professor e professora brasileira.

De acordo com a (APP, 2011, p. 1).

[...] nesse 15 de Outubro, além de reiterarmos a importância da Educação, e mais que tudo da educação como direito social que só pode ser garantido na sua forma pública e gratuita, queremos ressaltar o papel fundamental, do professor e da professora, na realização desse direito.

Queremos reafirmar que só é possível haver educação de qualidade, educação emancipadora, só é possível sinalizar para as crianças e os/jovens desse país que estudar é importante, se a escola pública for também valorizada, se aqueles e aquelas que nela trabalham forem assim tratados pelo poder público.

E a APP (2011) reafirma ainda a relevância do trabalho realizado pelo professor e pela professora que reveste para o bem de toda a sociedade. E reafirma que se imagina como seria uma sociedade sem escola, uma sociedade sem professores, uma sociedade em que o conhecimento não fosse permanentemente construído, buscado, transmitido, reformulado, superado, e novamente construído numa dialética sempre provisória, mas permanente de busca, construção e reelaboração de seu fazer pedagógico.

A presença de violências nas escolas tem se constituído uma situação inquietante para os docentes. Compreender e explicar esse fenômeno pode suscitar novas representações sobre ele e sua prática e esta nova postura podem abrir caminhos para novas tomadas de decisões apesar de ainda não eficazes como Arieira (2011, p. 2) explica:

O projeto de lei da deputada Cida Borghetti (PP-PR) - prevê punições para os estudantes que desrespeitarem professores - está sendo discutido na Câmara Federal, em meio a vários episódios de violência em escolas vistos pelo país e pela região, a exemplo de Barra Mansa e Angra dos Reis.

No entanto, a idéia de estabelecer punições aos estudantes na tentativa de inibir a má conduta não foi bem recebida na região - exceção feita ao Sindicato dos Professores das escolas particulares, que foi ameno ao dizer que o projeto pode ser posto em prática, desde que levadas em conta outras discussões.

Para o presidente da Comissão dos Direitos da Criança e do Adolescente de Barra Mansa, vereador Uéslei Carlos de Brito (PRTB), um projeto de teor punitivo não atenderia aos problemas das escolas, visto que represálias só trariam mais traumas ao aluno. O aluno que age de forma violenta é por conta de já estar com outros problemas. Puni-lo é arrumar para ele mais transtornos além dos que ele não consegue entender. Deve haver uma melhor capacitação do professor. Crianças e adolescentes precisam estar amparadas psicologicamente e com o acompanhamento maior da família e envolvimento dela nas discussões (ARIEIRA, 2011, p. 3).

Para Motta (apud ARIEIRA, 2011) destaca que se deve discutir com seriedade a questão educacional deste país. Já se tem prova de que a escola está virando um barril de pólvora. Dar maior autoridade ao professor e autonomia às escolas é um começo, mas não resolve o problema da violência.

Há a necessidade de se criar mecanismos públicos que permitam ao professor trabalhar com dignidade, e hoje é preciso admitir que o profissional de ensino ficou, sim, muito vulnerável. No entanto, apenas estabelecer uma lei é pouco, existe a necessidade de se promover um debate mais amplo, em que se convide e consulte quem está diretamente ligado e responsável pela formação pedagógica dos alunos, que é, obviamente, o professor (ARIEIRA, 2011, p. 2011).

Outra discussão sobre projetos contra violência é a do Senador Paulo Paim (AÇÃO EDUCATIVA, 2011) projeto de lei 191/09 que classifica como violência contra o professor qualquer ação ou omissão decorrente da relação de educação causando morte, lesão corporal ou dano patrimonial, praticada direta ou indiretamente por aluno, seus pais, responsável legal

ou terceiros, face ao exercício de sua profissão. Para Paim a idéia é disciplinar uma série de condutas e estabelecer o encaminhamento dos casos.

Outro projeto de lei (178/09) de Paim propõe que o professorado dedique um terço do número de aulas/hora para interagir com famílias e alunos, a partir da cultura de paz nas escolas. Hoje não existe nada e há insegurança. Esses dois projetos devem dar respaldo para que o professores (AÇÃO EDUCATIVA, 2011, p. 2).

Para Alves (AÇÃO EDUCATIVA, 2011) afirma que criminalizar não necessariamente diminui o comportamento agressivo ou violento, entende-se que quem pratica o ato não é racional: Entende-se que antes de cometer um ato violento, haja uma medição das possíveis consequências. Uma lei teria força sem trazer o tema da violência de forma transversal, como parte da formação escolar. É preciso começar a trabalhar isso desde os ciclos mais básicos. A lei seria uma força para coibir algo que é resultado do que não foi ensinado. A criminalização aponta o fracasso da educação, do que não se constituiu isso como um princípio via educação. Só ter a lei é continuar no fracasso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É bastante grave a agressão física e moral que vem acontecendo aos professores da escola básica. Essa agressão parece uma epidemia. No entanto, nada temos como provar que esta epidemia pode desaparecer ou abrandar de uma hora para outra. A violência é um fenômeno muitas vezes imperceptível, chega sem avisar e parece que veio para ficar. Ficar porque está intrinsecamente ligado ao mundo moderno.

Considerando perfil de risco encontrado entre alunos e professores, faz-se necessário uma reflexão acerca do contexto social da violência e a necessidade de políticas públicas de prevenção. Medidas de revisão da prática docente como o ensino comprometido com a realidade da escola, da família e da comunidade.

A problemática da violência familiar também merece cuidados por parte dos professores e gestores e debates na escola, onde crianças e adolescentes precisam ser compreendidos pela família não com medidas paliativas e, sim, que sejam analisados todos os aspectos de seu desenvolvimento. Faz-se urgente, o enfrentamento da situação, buscando a participação do Estado no sentido de favorecer e garantir soluções para as problemáticas sociais, mediante a criação de políticas públicas que visem à qualidade de vida de crianças, adolescentes e de suas famílias.

As leis devem sair do papel e garantir a segurança na escola e que devam atender as prescrições legais no ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente e da Declaração Universal dos Direitos Humanos. E as escolas, como um dos meios educativos, e professores devam trazer continuamente os problemas para o nível preventivo e até no nível curativo. Ao se criar e fomentar reflexões críticas acerca de concepções arcaicas baseadas nas divisões de classes e amparadas no modelo capitalista, gerador de relações de poder dentro da escola, devam ser enfrentadas e modificadas.

Assim, a escola e o professor poderão cumprir com o seu papel de transformadores sociais, devem desconstruir as concepções que fundamentam a desigualdade social e, dessa forma, extirpando a reprodução das violências nascidas no seio da família e na sociedade.

A discussão sobre a violência física e moral a ser empreendida na escola deve promover a realização de uma pesquisa científica, estudos tanto dentro da escola como também na realidade da comunidade que contribua para que haja a participação de todos para modificação dos recursos pedagógicos, de currículos, avaliações e que os conteúdos oferecidos aos alunos e que devam estar comprometidos com a realidade em que vivem e as condições motivadoras para a sua aplicação.

Pesquisas têm apontado uma grande dificuldade por parte destes docentes para distinguir as violências, indisciplinas e/ou incivildades surgidas no cotidiano escolar. Isso se deve aos atos de violência e suas inúmeras causas, bem como à interferência de fatores como representação de família ideal, o modelo burguês, desestruturação das famílias e, em muitos conceitos aliada à situação econômica desfavorável, explicaria o alto grau de perigo que correm os filhos dentro e fora do lar.

Têm-se sedimentado no imaginário dos docentes que são poucos os alunos usuários de drogas, originários de famílias sem dinâmica familiar, os que mais se envolvem com práticas violentas, por trás do estigma de bairro violento, das drogas, do baixo ou muito alto poder aquisitivo, há também o poder forte e implacável da mídia que, de forma sensacionalista vem promovendo e supervalorizando a divulgação de ocorrências violentas como forma de audiência.

De certa forma, não se tem dados que identifique a dimensão da violência na escola, ou quando vai acontecer. É preciso providências no sentido de garantir o direito a vida dos que ali trabalham, estuda e confiam no sistema. Buscar medidas que assegurem esses e outros direitos é o dever do poder público, do professo, da gestão escolar e da família, portanto, de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças - **Violência nas escolas**. Ed.Unesco, doações institucionais.

AÇÃO Educativa. **Proteção a docentes contra violência em sala de aula evidencia fracasso pedagógico, diz especialista**. 2011. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=2133&Itemid=2. Acesso em: 10.05.2011.

ADOLESCENTE aterroriza escola. **A CRÍTICA**. Manaus, 17 de abril de 2011.

AGÊNCIA Notisa. **Tragédias escolares e traumas psicológicos: as consequências do bullying na sociedade**. 2011. Disponível em: <http://www.informesergipe.com.br/pagina.php?sec=13&&rec=13234> Acesso em: 15.05.2011.

APP – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná. 2011. Disponível em: <http://www.appindicato.org.br> Acesso em: 14.05.2011.

ARIEIRA, Angélica. **Sul Fluminense**. Disponível: <http://diariodovale.uol.com.br/noticias> Acesso em: 11.05.2011.

ASSASSINATOS de crianças de escola do Rio. 2011. Disponível em: <http://jornaldecaruaru.wordpress.com/2011/04/07/assassino-das-criancinhas-de-escola-do-rio-ainda-escreveu-carta-dizendo-como-queria-ser-enterrado/> Acesso em: 17.05.2011.

BARRETO, Lidiane dos Santos. **AS PRÁTICAS DISCURSIVAS DO PROFESSOR FRENTE À VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas, 1996.

CÂMARA, SEILA, Gonçalves. (et al.) **Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares**. Canoas, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdfepsic/v12n3/a03v12n3.pdf> Acesso em: 19.05.2011.

CENTER for Disease Control and Prevention – CDC. 2007. **Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdfepsic/v12n3/a03v12n3.pdf> Acesso em: 19.05.2011.

COSTA, Tarcísio José Martins Costa. **A desestruturação familiar e a conduta juvenil desviada**. Minas Gerais, 2011.

DIMENSTEIN, Gilberto. **A epidemia da violência**. Folha de São Paulo, 22 set.1996.

FERRARI, Márcio. **Violência é assunto da escola, sim!** Nova Escola. ed. Abril. Ano XXI. Nº 197. Rio de Janeiro, 2006.

HAMZE, Amelia Hamze. ABRAPIA, 2011. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/bullying-escolar.htm>> Acesso em: 14.05.2011.

LA TAILL, Yves de. **Limites: três dimensões educacionais** A imposição moral e ética. São Paulo, ed. Ática, 2011

MARQUES, João Benedito de Azevedo. **Democracia, violência e direitos humanos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MATOS, Carlos Eduardo. Confusão em escola vai parar em delegacia. **POLÍCIA. DEZ MINUTOS**. Manaus, 14 de abril de 2011.

MINAYO, M. C. S., & Souza, E. R. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, 1997.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **O Discurso dos Naturalistas**. Petrópolis: Cultura Vozes, 1993.

PERALVA, A. **Violência e democracia. O paradoxo brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

PRÁTICAS pedagógicas e movimento contra-violência nas escolas públicas de Teresina. 2010. Disponível em: <<http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia9/pesquisa1.php>> Acesso em: 25.05.2011,

SANTOMAURO, Beatriz. **Violência virtual**. Nova Escola. Rio de Janeiro. ANO XXV. Nº 233 – Junho / julho 2010.

SILVA, Aída Maria Monteiro. **A violência na Escola: A percepção dos alunos e professores**. São Paulo, 2010.

_____ . **EDUCAÇÃO** **E** **VIOLÊNCIA:**
qual o papel da escola? Disponível em: <www.dhnet.org.br/inedex.htm> Acesso em
10/01/2011.

SPOSITO, Marília Pontes. Iniciativas **públicas de redução da violência escolar no Brasil**.
São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

UNESCO. **Multieducação:** núcleo educacional básico. Brasília: CORDE, 2006.